

Ricardo
Azevedo

TRAGO
NA BOCA
A MEMÓRIA
do MEU
FIM



EMBARAÇOSA
JORNADA
DE BASBAQUICES,
INSOLÊNCIAS
E LÁSTIMAS

Trago na boca a memória do meu fim

© Ricardo Azevedo, 2019

Direção Presidência Mário Ghio Júnior

Gerência editorial Cintia Sulzer

Coordenação editorial Fabio Weintraub

Edição e preparação de texto Andreia Pereira

Planejamento e controle de produção Patrícia Eiras e Adjane Queiroz

ARTE

Daniela Amaral (ger.), Erika Tiemi Yamauchi Asato (coord.),

Letícia Lavôr e Nathalia Laia (assist.)

Projeto gráfico: Rafael Nobre

Capa: Rafael Nobre

Diagramação: Karen Midori Fukunaga

REVISÃO

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.),

Rosângela Muricy (coord.), Brenda T. M. Morais, Carlos Eduardo Sigrist,

Ricardo Miyake, Sandra Fernandez, Vanessa P. Santos

COORDENAÇÃO COMERCIAL

Carolina Tresolavy

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Azevedo, Ricardo, 1949-

Trago na boca a memória do meu fim : embarçosa jornada de basbaquices, insolências e lástimas / Ricardo Azevedo. - 1. ed. - São Paulo : Ática, 2019.

ISBN: 978-85-08-19358-5

1. Romance brasileiro. I. Título.

2019-0395

CDD: B869.3

Julia do Nascimento – Bibliotecária – CRB-8/010142

Código da obra CL 742365

CAE: 654338

2019

1ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A., 2019

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros — São Paulo — SP — CEP 05425-902

Atendimento ao cliente: 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br / www.atica.com.br

Conheça nosso portal de literatura Coletivo Leitor:

www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

Apresentação. 5

Capítulos

I. 9	20. 121
2. 14	21. 128
3. 19	22. 136
4. 25	23. 142
5. 31	24. 150
6. 36	25. 156
7. 42	26. 162
8. 47	27. 168
9. 53	28. 175
10. 57	29. 183
11. 65	30. 190
12. 70	31. 198
13. 76	32. 205
14. 84	33. 212
15. 91	34. 220
16. 95	35. 227
17. 102	36. 233
18. 110	37. 240
19. 115	38. 249





Apresentação

Inicio a pesquisa sobre o período colonial brasileiro em 2010 e dela resultou o livro *Fragosas brenhas do mataréu*, publicado em 2013, ganhador do prêmio Jabuti na categoria Melhor Livro Juvenil, em 2014. Acontece que continuei estudando o assunto e com um interesse cada vez maior. É que, por meio dos livros que lia, eu me sentia – e ainda me sinto –, de um lado, a mergulhar num passado aventureiro, injusto, áspero, rico e fascinante vivido pelos primeiros brasileiros e, de outro, muito próximo do Brasil de hoje.

Não por acaso, os protagonistas de *Trago na boca a memória do meu fim*, dois jovens valentes – mas não muito sérios e um tanto enrolões –, andam aos tropeços por sua desastrosa viagem, cercados de senhores da terra que, por sua vez, vivem armando maracutaias, fugindo dos impostos, descumprindo as leis e envolvidos em esquemas de corrupção. Nossos jovens, por sinal, caminham pelos matos e trilhas com sonhos de um dia encher o baú de dinheiro, dar o fora e ir morar gostosamente em Portugal. É preciso dizer que, de certa forma, os dois enfrentam na própria pele o racismo nefasto e desumano existente naquele tempo e que, contrariando a ciência, a razão e os fatos, persiste infelizmente até os dias de hoje. Ao mesmo tempo, a dupla é bastante ambígua e oportunista em relação à escravidão ou à destruição dos povos indígenas.

Como muitos naquela época, ambos acreditam em curandeiros, bruxarias e adivinhadores de futuro e vivem às voltas com uma religiosidade primitiva, cheia de infernos e céus, blasfêmias, culpas, pecados e contradições, como o fato de não enxergar fronteira alguma entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos.

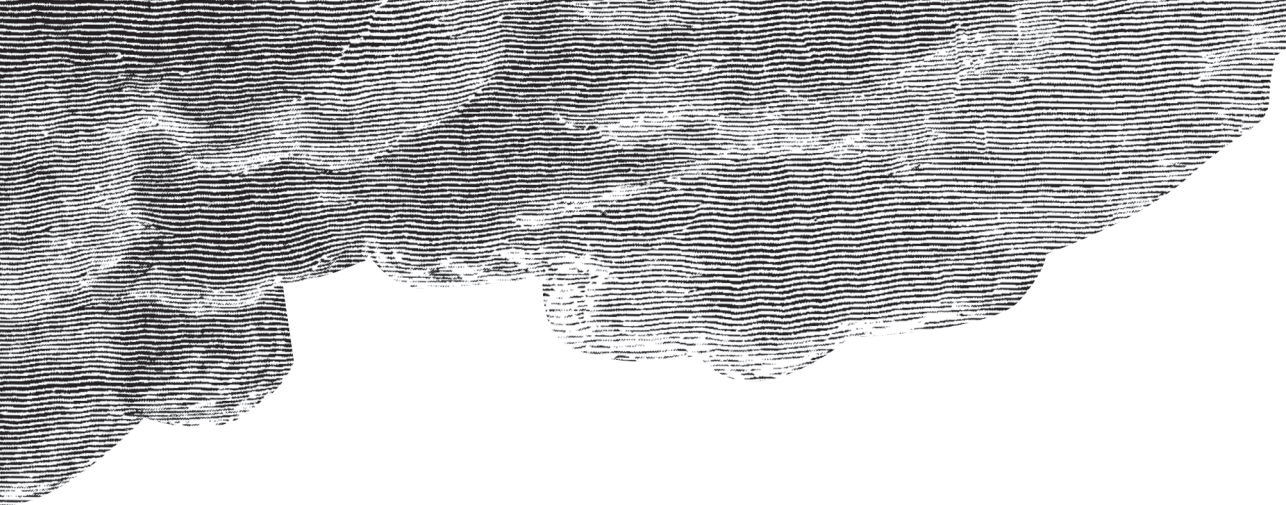
Tudo isso sem falar no fato de que, durante seu tortuoso trajeto, os dois aventureiros convivem com certos temas inescapáveis da vida humana: os amores e as paixões; a luta diária pela sobrevivência; as complicadas e, por vezes, dramáticas relações entre pais e filhos; momentos de injustiça, loucura, violência, medo e mentira e, claro, como pano de fundo, a presença galopante, constante e certa da morte.

Enfim são esses, entre outros, os assuntos que permeiam do rabo ao cabo o texto que o leitor tem agora em mãos.

Esclareço ainda, e antes que seja tarde, que não sou historiador. Nossa história é uma paisagem imensa, cheia de incertezas e em permanente estado de revisão. Criei a trama de *Trago na boca a memória do meu fim* com base nas pesquisas que consegui fazer.

Ricardo Azevedo





Aos queridos Martim e Inácio.





T arde demais nessa torpe encalacrada em que me encontro para esfarrapadas *mea culpas* e *mea desculpas*.

No embaraçado estado em que me encontro, ao examinar minha vida da cauda ao cabo, entrevejo que vim ao mundo passageiro da barça dos tolos e parvos, condenado, ai de mim, a escoar escoando rio abaixo rumo à fumacenta alagoa dos infernos.

Que cometi desalinhos aqui e acolá, desconfirmo mas não desminto.

Nesses anos de inconveniências, admito que passei a desestimar a vida presente por causa dos sucessos abarbarados que tive que enfrentar, pérfidas atrocidades sopradas, tenho quase certeza, pelos toscos lábios do diabo.

De agora avante, tomo esses momentos que inda me restam para nos miolos revivê-los antes que o torvo açoite de Deus, cura de todos os males, venha desaliviar minha alma já meio defunta e quase enterrada.

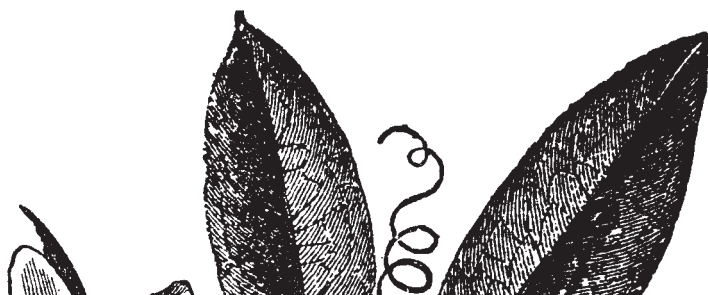
Principio pelo recomeço.

Vindo às pressas do povoado onde nasci, arribara eu à freguesia de Pedra Verde da Serra desajudado, desaparelhado e mal servido de tudo. Depois do sufoco que passei, andava em busca de um meio para recomeçar.

Em que pese de mim nada saber, recebi guarida e amparo do vigário Estevão Garcia, casto homem de mui honestos costumes e grande exemplo de vida.

Que proveitoso bem me fez ao coração ser gasalhado em meio a tão tamanhas agruras e necessidades!

Com minha rede e uns poucos fatos e petrechos, fui habitar no paiol aos fundos da capela onde dizia o padre suas missas. Em troca do seu abrigo, tornei-me obreiro de serviços de pequena monta. Cuidar da roçaria da paróquia, alimentar o pouco gado que tinha, sair em busca de caça, mel e frutas para nosso comer, levar e trazer recados, colher palha para o reforço dos telhados e o que mais fosse, desse e viesse.



Passei com o tempo a prestar serviços a outros moradores do arraial, por vezes como carroceiro, por vezes como boieiro, por vezes como almocreve a conduzir serra abaixo, no lombo de bestas, cargas até a vila de São Vicente.

A pedido do padre Estevão, tornei-me ajudante de Bernardim Gomes, alfaiate e mestre festeiro do arraial. Com ele aprendi a montar e a costurar o pálio e as charolas das procissões, assim como a fazer adornos e lentejoilas para os festejos da vila e a ajudar no preparo das panelinhas de barro com pavio e azeite para a iluminação dos bailados que tanto divertimento traziam a todos.

Para grande sorte minha, ensinou-me também mestre Bernardim a fabricar boneções como uma infame e desmesurada Coca, um graúdo fantoche trajado de preto, com chapéu e carantonha de jacaré, que armamos eu e ele, certa feita, com quase duas braças de altura e mais alto e apumado do que muitas árvores.

Estou ainda a viver e respirar graças a isso.

Sei que, de bago em bago, tornei-me conhecido no povoado tanto é que certo dia fui procurado por Feliciano Guaçu, feitor-mor e capataz do capitão Gonçalo Ribeiro de Almeida.

Necessitava o capitão de homens que o acompanhassem em certa visita e andava fora a maioria de seus peões e escravos a labutar nas colheitas e lavouras da fazenda.

Preguntei se porventura haveria alguma paga.

Olhou-me o feitor crivado de espantos.

Que melhor tença pretendia eu, exclamou ele, do que poder servir, acompanhar e guardar o ilustre capitão Gonçalo Ribeiro de Almeida, homem principal daquela freguesia, amigo e confidente do capitão-mor e ouvidor desta capitania, dono e senhor de sesmarias, comandante de fazendas, engenhos, gados e escravaria?

Sem delongas me apercebi que servir a tão tamanho potentado talvez fosse um ditoso recomeço enviado por Deus para me livrar do atolado em que andava minha malgastada vida.

Aceitei.

Na quarta-feira conforme o acertado, horas de véspera sendo o sol já deposto pela noite, encontrei-me com o capataz perto da jaqueira em frente à carpintaria do velho José Alvarinho. Apareceu Feliciano com um mosquete preso à cinta, um arcabuz e ainda um facão que logo deixou aos meus cuidados. Veio acompanhado de um preto a carregar nas costas um volumoso saco.

Em lugar da luz do dia, um langoroso manto de chumbo e ferrugem havia se apossado de Pedra Verde, das casas, da capela, do terreiro e do cercado de paus e varas que contornava o arraial.

Havia já a sineta dado o toque de abafar e andava a freguesia deserta com as gentes recolhidas às suas moradias. A julgar pela escuridade do tempo, passava das oito horas da noite.

Contou-me então o capataz que pretendia o fidalgo visitar e consultar a velha Botelha.

Estremeci num tranco.

Era Pedra Botelha uma mulher já alcançada nos anos, com um olho certo e outro como que piscado, que aparecia, vez por outra, a fuçar pelas ruelas da vila.

O que dela diziam não era cousa de pouca monta.

Que era ela pessoa torpe por usanças macabras, finórias e malvadas, tanto que permanecia sendo esposa do quase finado e meio defunto Pedro Botelho a quem a megera, é o que garantiam no arraial, num dia de fúria, transformou no porco que mantinha à míngua e manco de grandes chagas num cercadinho nos fundos de sua casa.

Andava eu prestes a desistir do serviço quando, pela frente, me surge um homem alto, de catadura carregada, a usar um chapêlo escuro, capa de baeta, gibão e calções abigarrados e justos de pano do reino. Trazia numa das mãos um bacamarte e na outra, junto dos pés descalços, um cachorro preto atado ao pescoço por uma corda.

Pôs-se logo o animal a abanar o rabo e a lambiscar minha mão.

— Leve vosmecê o podengo — ordenou o homem não antes de examinar-me do baixo ao alto. — Vamos pois! — exclamou e mandou Feliciano Guaçu seguir à frente com uma tocha.

Após o toque de abafar não era permitido, fosse branco, fosse negro, fosse quem fosse, andar pelo arraial a carregar fogo. Mas ordens do tal homem — pois era ele o capitão Ribeiro de Almeida — eram mais do que ordens.

Cruzamos o cercado que protegia a freguesia e tomamos a estrada rumo ao aldeamento de Nossa Senhora dos Pinheiros da Conceição, caminho que, após o descimento da serra, ia dar no distante porto de São Vicente.

Conforme andávamos, parecia o mataréu tornar-se mais rugoso e eriçado.

Ia o som de nossos pés descalços na terra a se misturar com os craquejos e murmúrios da mata.

Caminhava eu a pensar e repensar no que diziam sobre a velha Botelha.

Que sabia ela preparar unguentos e óleos capazes de deitar a pessoa em profundo sono e, nos interiores do mesmo sono, visitar parentes defuntos, deles trazendo de volta notícias, segredos e adivinhações do futuro.

Que costumava ela nas noites de quinta-feira temperar hóstias para, servidas com postas de carne, comer tal e qual batatas fritadas.

Seguia eu com o pensamento na velha e os olhos atentos às aranhas e cobras, entre outros fraudulentos habitantes do mato.

Diziam que urinava a velha em boiões e cabaças para ao depois aspergir o próprio mijo tal e qual água benta em torpes rituais e, pior, que trazia numa das pernas uma discreta chaga da qual de quando em quando retirava ela mesmo um pouquinho de carne que, transformada em pó, era ao depois usada em feitiços e imundices.

Para nosso mau augúrio, rebrilhava no céu a lua cheia que, como ensinam padres e homens de ciência, é deveras prejudicial à saúde e tem o dom de corromper e corroer gentes e cousas.

Em minha memória hoje corrompida e corroída creio que caminhava eu a tropeçar em sustos e receios quando lambeu-me o cão a mão.

Não são inventos meus.

Tive sempre na vida mui grandes, fiéis e valentes amigos entre os cães, só Deus sabe por quê.

Admito que quase me saltaram fora pelos olhos lágrimas e choros por lembrar de outro cão, corajoso e desventurado cão, que por minha causa falecera da vida presente de morte tão vil e abarbarada.

Caminhamos por cerca de uma légua.

Tomou então Feliciano Guaçu uma trilha que saía da estrada e descia por uma ribanceira acobertada de matos e pedras.

Seguimos por um escorregadiço ladeirão, cada vez mais úmido e brumoso, com folhas, ramos e galhos a bater no rosto e nos braços. Ia o feitor à frente com a tocha e o arcabuz, o capitão no meio também armado e eu atrás com o cão, seguido do escravo a carregar o saco.

Corrido um tempo, arrefeceu a barranqueira.

Passou a andar o ar carregado de cheiros, fumaças e, vez por outra, por um torturado grunhido de porco.

Arribamos por fim a um casebre encravado em meio à mata. Tinha a choça paredes de madeira e taipa e telhado de palha. Nos dentro, dançava trêmula a luz dos candeeiros.

Um vulto pequeno, suspeito e corcovado nos aguardava parado na porta.

Era ela.

V irou-se de costas a jabiraca e tornou à sua cafua.
Atrás dela, com o chapéu nas mãos, entrou o capitão Ribeiro de Almeida seguido pelo capataz Feliciano Guaçu e por nós outros.

Tive, se bem me alembro, que por força arrastar o cachorro, que nem morto queria entrar pelas próprias patas na dita choupana.

Era o interior do casebre um deslavado e funesto antro, alumiado por dois ou três candeieiros, as paredes cheias de furos, frestas e frinchas. Num canto, o catre coberto de trapos onde devia dormir a velha. No outro, o fogão aceso tendo por perto uma mesa. Sobre um estrado, um baú e espalhados em volta um bofete, um banco e alguns tamboretetes.

Andava abafadiço e empeçonhado o ar da choça graças às fumaças que fugiam do dito fogareiro.

Parecia ser o lugar apinhado de graúdos azares e maus fluidos.

Pelo chão de terra batida, uma zaragata de gamelas, cabaças, tigelas, jarras, sobras de comida e ossos mal chupados, em meio a outros badulaques, cacaréus e chanfalhos recheados de ratos a passear e a se esconder à sombra das quinquilharias.

As cousas que recordamos!

Mal pousamos nossos pés na cabana, quis saber a feiticeira se trouxera o fazendeiro a paga avençada pelo serviço.

Dirigindo-se ao preto, mandou o capitão que desatasse o saco e derramasse sua carga por sobre o catre.

Para meu espanto, surgiram sobre a cama da velha uma garrafa de vinho português, um bom naco de queijo, azeitonas, um boião de azeite, uma saca de sal e outra de pimenta, um rolo de fumo, cravo, canela e ainda um pouco de noz-moscada.

Restei boquiaberto.

Que preço teriam tão raras e caras mercadorias trazidas das lonjuras do Reino?

Que tão valiosos serviços seriam aqueles prestados pela dita velhaca?

Pôs-se a velha Botelha com satisfação e regozijo a examinar e a farejar um por um os produtos despejados sobre a cama.

Aproximou-se então ela do capitão e em seguida aos cochichos puseram-se os dois a confabular cheios de cicios escusos e segredosos.

Busquei caçar no ar palavras que indicassem alguma trilha capaz de dar uma razão àqueles sussurros, mas não pude escutar coisa alguma que fizesse nexos.

Disse em dado momento a bruaca ao fidalgo algo como “tanto fazia” e ao depois algo como “não passam ambos de simples animálias”.

Respondeu o capitão que em assim sendo “mais valia ele por poder acasalar e ao depois ser posta sua cria a venda por bom preço”.

Mas logo estancou a fala, achegou-se da megera e segredou-lhe qualquer coisa à orelha. Trocaram os dois olhares cúmplices.

Chamou-me então o capitão e mandou amarrar o podengo ao pé do catre.

Ordenou, em seguida, a Feliciano Guaçu e a mim, que agarrássemos o preto. Tentou assustado escapulir o escravo, mas foi ao chão graças a uma socada na nuca dada pelo capataz.

A espernear foi o tapunhano deitado no tampo do bofete.

— De barriga para cima — mandou a bruxa.

Gritava desarvorado o escravo a contorcer-se.

De uma alcofa de palha retirou a mulher um facão.

Atado pelos braços por mim e com as pernas abertas e seguras pelo capataz, berrava a debater-se o preto, um moço magro e miúdo.

Depois de puxar os calções para baixo, segurou a megera com uma mão seu membro desonesto e nele encostou a ponta da faca.

Urinou-se o escravo aos soluços enquanto divertiam-se o capitão e a bruxa apinhados de galhofas.

— Pode soltar o abana-bosta — ordenou o capitão, com os olhos molhados pelas risadas.

A passos largos veio então a bruaca e com um pedaço de pau acertou na cabeça do cachorro uma bordoadade de modo tão traiçoeiro e bruto que esparralharam-se seus miolos pelo chão da cafua.

Mais outro cão por andar perto de mim tornava-se falecido da vida presente.

Ordenou a feiticeira que puséssemos o animal deitado por sobre o bofete de patas para riba.

Enrolou então ela numa folha de palha um punhado de petim mais um naco de fumo que tomou da mercadoria espalhada sobre o catre e acendeu com um toco em brasa retirado do fogão.

Entregou-se então a velha Botelha a uma espécie de bailado povoado de trejeitos e meneios, um olho fechado o outro aberto, a soltar baforadas e mais baforadas da cangoeira, e a dizer palavras assombrosas e desabonadoras.

Era, sem receio de desacerto, uma prece devotada ao astucioso anjo das trevas.

Rodopiava pela choça a bruaca a abanar os braços e o rabo e a olhar para cima e a revirar o corpo para trás e para a frente, a repetir com voz rouca uma finória ladainha que ainda recordo:

*Ouçam pois a minha voz
Venham cá ó filhos meus
Se surge a sombra da luz
Nasce o Diabo de Deus*

Ao meu lado, a pelar-se de medo, escondeu o escravo a cabeça entre os braços para não ver e não ouvir o tanto que ouvia e via.

Atentados e estancados num canto, permaneceram o capitão Ribeiro de Almeida e seu feitor.

Depois de dançar e fumar e cantar suas chalaças e bagatas, atirou a bruxa a cangoeira no chão e apagou com a sola do pé.

Aproximou-se em seguida da mesa, alevantou no ar o facão e, de forma vil, furou e rasgou o ventre do finado cachorro.

Pôs-se então com uma colher de pau a remexer suas vísceras.

Examinava e obrava ela mui diligente em meio ao copioso amontoado de sangue, tripas, carnes e debulhos a escorrer e respingar no chão.

Alevantou ela a cabeça, após algum tempo, e pôs-se a examinar o capitão com um olho penetrante e o outro fechado. Empurrava a colher no ventre para lá e para cá, sempre a olhar e a observar ora o fidalgo ora as entranhas.

Súbito arregalou a mandingueira seu único olho mui atentado às vísceras do cão.

— Vejo cá, ó senhor capitão... espere... — disse a mexer e a remexer nas tripas. — Pois sim... vejo... um padre! — E continuou ela:

— Tome tento, capitão! Vislumbro nessas tripas um malfadado destino pela frente. Com todolos diabos! É mesmo um padre! Cuidado! É tal gajo assaz perigoso! Safe-se dele, capitão! Poderá lhe causar imensos transtornos e malefícios!

Dando por encerradas as adivinhações, acendeu a velha uma nova e recheada cangoeira, sentou-se num tamborete e a dar longas baforadas pôs seu único olho no rumo da fumaceira a crescer e a esvanecer nas dobras do ar.

— Isso é tudo? — indagou o capitão Gonçalo Ribeiro de Almeida.

— Por certo — resmungou a feiticeira.

Nada mais havia ali que fazer.

Lembro-me do desditoso animal despedaçado sobre a mesa. Lembro de olhar nos olhos do preto e perguntar seu nome.

— Crispim — balbuciou ele.

Sáímos em silêncio da choça e pusemo-nos a trilhar o dificultoso caminho de volta.

Seguiu à frente Feliciano Guaçu com a tocha na mão.

Com grandes esforços subimos por vezes de gatinhas, por vezes agarrando nos tocos e galhos do mato a escorregosa barranqueira rumo à estrada que tornava à Pedra Verde.

Galgávamos a morraria em silêncio.

Já na estrada, disse o capitão em voz rouca ao capataz:

— Pois que venha o tal cristão de saias e sermões! Seja quem seja ele, corto-lhe fora os dois pés e dou aos cães. Graças a mim, passará

o papa-hóstias a ser ainda mais santo, devoto e pio do que antes, pois pelo chão terá de viver a arrastar-se de joelhos como quem está condenado a rezar pelo resto dos seus dias.

Em sonoras gargalhadas despencaram os dois.

Um frio chuvisco pôs-se a cair.

Dentro da noite, seguia eu, é tudo o que posso dizer, com o rosto crivado de risos e o cu crivado de medos.

Que faria essa gente se porventura soubesse de minha desastrosa e triste história?

A partir de então foram os dias de infundáveis borrascas e chuaréus a despejar sem caridade, por sobre Pedra Verde, suas avolumadas e úmidas molhaduras.

Atolou-se o vilarejo em descomedidos lameiros e eu cada vez mais, confesso, em descomedidas culpas e desassossegos.

Por respeito das dilatadas águas que se vinham, tornaram-se os afazeres meus e dos demais moradores da freguesia deveras dificultosos. Debaixo da mofina chuarada, passei a fazer meus serviços e encargos conforme o tempo permitia. Lembro de ter reunido e deixado ao relento os tachos, os potes, as gamelas e as jarras que na casa do vigário encontrei, para com eles recolher as águas que choviam.

Para desgosto do padre Estevão, sua escrava Inácia, preta que para ele trabalhava nos quefazeres da casa, saiu sábado para visitar o marido e não mais tornou.

Por ser de boa índole, mansa e casada, e por tratá-la mui bem o cura, ninguém acreditava que houvesse a preta fugido.

Em poucos dias, foi o corpo defunto da desditosa Inácia encontrado a boiar no rio.

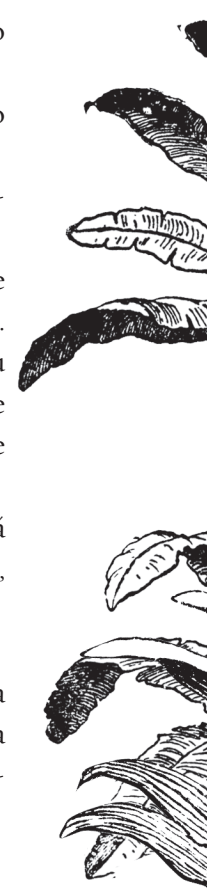
Por meio de um miúdo de nome Tião, que refugiado atrás de umas moitas a tudo testemunhara, soubemos do seu desastroso fim.

Sábado, como de costume, depois dos serviços de casa, seguiu Inácia para a fazenda de Salvador Furtado de Medeiros, senhor de terras e engenhos a quem pertencia Simão Angola, escravo seu e marido da mesma Inácia.

Ficava a fazenda a cerca de duas léguas de Pedra Verde e, para lá arribar, era preciso passar por terras de Matias Ferrão de Abranches, outro importante senhor, dono de grandes glebas e chãos.

Um rio corria entre as duas fazendas.

Inácia costumava pedir a Manuel Quaresma, feitor da fazenda dos Ferrão de Abranches e morador nas beiradas do dito rio, que a atravessasse de barco até as terras da fazenda onde trabalhava e vivia seu marido.



Ao que parece, Quaresma, um coiό, safado e gamenho, deveras atravessou a moça mas, mal chegado ao outro lado, veio com palavras de chamegos e fodinchices.

Por certeza deve ter se recusado a preta às desonestas cavaqueiras do feitor.

Quis porque quis, Manuel Quaresma, arrancar beijos e fazer amores por força com a escrava do padre.

O que se sabe e o que bem contou o moleque Tião é que entraram os dois em grossas escaramuças, um a dar punhadas no outro, e que rolaram pelas matarias do beira-rio, que com uma pedra tirada do chão deu a preta certa pancada na cabeça do feitor que, magoado e cheio de sangues, cortou a garganta da moça com seu punhal.

Ao ter as famas da morte de Inácia, penetrado de fúrias e grandes dessabores, correu o escravo Simão Angola armado com um pau de ponta até a fazenda vizinha, a nado cruzou o rio e atacou, furou e refurou com seu pau o feitor do fazendeiro Matias Ferrão de Abranches.

Sumiu, em seguida, Simão Angola nas matarias do sertão inculto.

Foi então o arraial de Pedra Verde da Serra tomado por ásperas palavras de diferença e acusações ditas, tanto pelos senhores da terra como pelo padre Estevão Garcia.

Houve na capela um encontro dos homens bons da governança da terra.

Andava eu a varrer os chãos da sacristia, serviço que deveria estar por conta da defunta Inácia e, deste modo, pude ouvir os vozeiros e queixumes dos senhores da vila.

Reclamou o fazendeiro Salvador Furtado de Medeiros que por culpa das safadices do feitor Manuel Quaresma, afamado frascário e mariola, havia perdido Simão Angola, um bom escravo, moço bem-feito, manso e valente. Embora ainda quase não soubesse falar português, custara o preto mui caro e agora andava fugido pelos matos e, pior, a levar consigo dois outros escravos da fazenda.

Discordou o fazendeiro Ferrão de Abranches.

Garantiu ser ele o mor prejudicado pois, segundo palavras suas, vivia a preta Inácia buliçosa e desinquieta a rebolar pelas ruelas com os peitos de fora. Devia ter andado ela armada daquelas meiguices, que derrubam qualquer fortaleza, a bulir com o coração e os sangues do honesto e bom Manuel Quaresma. Era ele, assegurou Matias Ferrão Abranches, o melhor feitor de suas fazendas. Restava agora seu empregado falecido da vida presente e matado por culpa da safada e chula desvergonhice da escrava Inácia e dos ciúmes do tal preto Simão.

Mui dessaboreado mostrou-se também o padre Estevão. Rezou. Disse palavras em latim. Alembrou de castigos decorrentes do pecado. Descreveu enfermidades e pragas que do céu poderiam cair e tomar de arrastão a freguesia de Pedra Verde da Serra por conta de crimes cometidos contra Deus e sua Santa Madre Igreja. Argumentou que era conhecido o costume de fêmeas pretas, assim como das índias, andarem pela vila de peitos de fora e suas vergonhas à mostra. Disse o padre que estavam todos com isso assaz habituados e que se havia ali um culpado era ele certamente, o feitor Manuel Quaresma. Indagou, com a boca crivada de raivas, quem agora iria pagar pela escrava morta. Lembrou que, por ser ainda jovem, forte e animosa, lhe custara a preta um alto preço e que agora muita falta fazia ela tanto a ele como ao bom andamento da paróquia.

Após grandes conversações, cada qual falando mui bem de si e mui mal dos outros, julgaram os homens bons da vila que para chegar a alguma concordata, antes de qualquer decisão, o aconselhado seria melhor saber o que ocorrera entre a negra, seu marido e o feitor. Decidiram então, de primeiro, mandar formar um troço de peões que se metesse pelos sertões em busca dos escravos fugidos. Ao depois de aprisionado Simão Angola e escutadas suas razões e narrativas, decidiriam os fazendeiros e o padre se seria o preto morto ou apenas posto no pau para ser castigado com azorrague e chicote, e, mais, por

quem e como seriam pagas as contas pelos tamanhos prejuízos por ele ocasionados.

Num ponto estavam todos bem avençados: era preciso apresar e punir Simão Angola à vista de todos, talvez quebrando-lhe uma das pernas, para que estando manco nunca mais fugisse.

Seria isso feito como exemplo para que não fosse incentivada nem imitada sua fuga por outros escravos.

Em meio às tais instrutivas conversações, outro assunto veio à baila.

Tinha notícias o capitão Gonçalo Ribeiro de Almeida de que em breve partiria de São Paulo do Campo de Piratininga, em viagem encomendada e urdida por ordens do governador-geral, uma graúda cópia de gente, suas famílias, seus petrechos e pertences. Era mando do governador e também do capitão-mor Diogo Mendonça de Barros, principal do arraial de São Paulo, o achamento e ocupação de terras nas distantes bandas do rio Paraná, de modo a ali fundar uma nova povoação. Andavam por lá mais e mais espanhóis, o que contrariava os planos de el-Rei que por isso pretendia mais bem ocupar e conquistar aquelas paragens.

No que me toca e tange nada disso importava.

Por outros motivos passaram a ser minhas noites no paiol a virar e a revirar o corpo na rede de olhos escancarados.

E se fossem os presságios da velha Pedra Botelha confirmados? E se, a mando do frei Cipriano Vaz e dos homens bons do meu povoado, viesse até Pedra Verde algum padre com o fito de fazer uma devassa? E se cismasse o dito padre de perguntar a meu respeito? E se porventura a todos contasse sobre o senhor meu pai e as desditosas acusações que contra mim pesavam?

Remexia na rede meu corpo a chorar ou, pelo menos, a quase chorar, com o peito estorvado por mui maus pensamentos.

Passados poucos dias, procurou-me padre Estevão.

Andava deveras preocupado. Contou-me que depois da avença acertada entre os senhores da terra, fora formado um lote de cinco

peões a ser chefiado pelo feitor Feliciano Guaçu. Além de Feliciano, formavam a tropa dois homens do fazendeiro Salvador Furtado de Medeiros e dois outros do fazendeiro Matias Ferrão de Abranches. Partiriam eles pelos matos em busca de Simão Angola e dos outros que com ele fugiram.

Revelou-me o cura suas inquietações.

Receava que se porventura conseguissem os homens, a mando dos fazendeiros, prear e cativar o preto e seu bando, já deviam por certo trazer ordens e combinações urdidadas entre seus senhores. Imaginava o padre algum conchavo que obrigasse o escravo fugido a reparar seu crime pela morte do feitor Manuel Quaresma, talvez passando a trabalhar na fazenda dos Ferrão de Abranches pelo tempo de um ano ou cousa assim. Após o quê, paga a dívida, voltaria o preto aos serviços de seu senhor ficando assim quitadas as pendências.

Encheu-se de lamúrias o vigário de Pedra Verde.

E quanto a ele mesmo? E quanto à Igreja? Tornaram defunta sua escrava Inácia, uma fêmea cara, uma moça bem-disposta e trabalhadora. Certamente em nada seria a paróquia ressarcida de tão graúdo prejuízo.

Pedi-me o padre um grande favor. Que acompanhasse eu o troço de peões que sairia no encaço de Simão Angola, para assim representar os interesses da paróquia de Pedra Verde da Serra na hora de se decidir o que seria e o que não seria feito do escravo fugido.

Não tive como dizer não.

Contou-me o cura cousas que eu em parte já sabia.

De primeiro, deveria a tropa chefiada pelo feitor Feliciano Guaçu fazer escolta da leva de gente que, com suas tralhas, gados e pertences, passaria, a partir de São Paulo, por Pedra Verde rumo ao porto de Araritaguaba nas beiradas do rio Anhambi. Ali, disse padre Estevão, tomariam os colonos as barcaças que desceriam o Anhambi em direitura do sertão até o distante rio Guatemi, em terras vizinhas da Província do Paraguai.

Explicou-me o padre Estevão que, uma vez embarcados no rio os povoadores, entraria nosso grupo mato adentro rumo ao sertão em busca do preto Simão e seus parceiros de fuga.

Lembro-me da voz do vigário a falar.

Lembro-me de, em silêncio, me perguntar: mesmo que me livrasse da devassa do padre adivinhado por Pedra Botelha, para onde, com tal viagem, estariam Deus ou o diabo a me levar?

Mui grande era a desvantade de me meter pelos matos para caçar e apresar o preto Simão Angola que, afinal, com boa razão havia matado o fanfarrão Manuel Quaresma, assassino da escrava Inácia.

Más empresas, sabia eu, mesmo que tenham bons sucessos, sempre se termam em malefícios e danifícios de seus autores.

Eis-me aqui agora lascado, a sangrar, meio que falto de uma orelha e deveras mais morto do que vivo.